

A aprendizagem da escrita no 1º ano do Ensino Fundamental I

PIRES, Bethânia A. da Silveira – bethania.silveirapires@yahoo.com.br

HABER, Isac da Silva – isac.haber@hotmail.com

Curso de Pedagogia
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá
Ubá - MG/Julho/2018

Resumo

É na escrita que a criança começa desde muito cedo a vontade de explorar e conhecer a língua por meio das práticas sociais. A aprendizagem da escrita no 1º ano do Ensino Fundamental I, pode estar relacionada com a fala (oralidade), mostra como as professoras utilizam métodos para a aprendizagem da escrita, tem relação com o som (fonologia). O problema é como ocorre a aprendizagem da escrita numa turma de 1º ano do Ensino Fundamental I. Acredita-se que a aprendizagem da escrita dentro da sala de aula, ocorre pelo fato das crianças somente copiarem do quadro e não serem incentivadas a uma escrita livre. Tem por objetivos analisar a aprendizagem da escrita numa turma de 1º ano do Ensino fundamental I; analisar como a escrita deve ser ensinada dentro da sala de aula pelas professoras; verificar os métodos utilizados pela professora para a aprendizagem da escrita; verificar a escrita dos alunos dentro de sala de aula. O método adotado para essa pesquisa foi o qualitativo, pois não precisa de representatividade numérica, a coleta de dados aconteceu numa escola municipal do município de Divinésia – MG, tendo como instrumento o questionário entregue a duas professoras que trabalham no 1º ano do Ensino Fundamental I. Os resultados encontrados indicam que a aprendizagem da escrita depende da forma como o professor trabalha dentro da sala de aula a escrita dos alunos, fazendo com que estes sejam incentivados a uma produção livre. Percebe-se que a escrita não precisa de um método específico, mas sim uma junção das teorias principais para serem aplicadas dentro da sala de aula.

Palavras-chave: Escrita. Desenvolvimento. Aprendizagem. Métodos.

Abstract

It is in writing that the child begins very early the will to explore and to know the language through social practices. The learning of writing in the first year of elementary school I, may be related to speech (orality), shows how teachers use methods to learn writing, has relation to sound (phonology). The problem is how the learning of writing occurs in a class of 1st year of Elementary School I. It is believed that the learning of writing within the classroom occurs because the children only copy from the picture and are not encouraged to free writing. It aims to analyze the learning of writing in a class of 1st year of Elementary School I; analyzing how writing should be taught within the classroom by teachers; check the methods used by the teacher to learn writing; check the writing of the students inside the classroom. The method adopted for this research was the qualitative one, since it does not need numerical representation, the data collection happened in a municipal school in the city of Divinésia - MG, having as instrument the questionnaire delivered to two teachers working in the 1st year of Elementary School I. The results indicate that the learning of writing depends on how the teacher works within the classroom the writing of the students, causing them to be encouraged to a free production. It is noticed that writing does not need a specific method, but rather a junction of the main theories to be applied within the classroom.

Keywords: Writing. Development. Learning. Methods

1. Introdução

A presente pesquisa se refere a aprendizagem da escrita no 1º ano do Ensino Fundamental I, pois segundo Soares, 1998 apud Marcuschi e Dionísio (2007) “[...]”

aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua e propriedade”, mas isso muitas vezes não acontece, pois, as crianças tem grande dificuldade na decodificação dos sons linguísticos (grafemas-fonemas).

A escrita é um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros. (MARCUSCHI e DIONISIO, 2007, p. 203)

O presente estudo tem como objetivos analisar a aprendizagem da escrita numa turma de 1º ano do Ensino fundamental I; analisar como a escrita deve ser ensinada dentro da sala de aula pelas professoras; verificar os métodos utilizados pela professora para a aprendizagem da escrita; verificar a escrita dos alunos dentro de sala de aula.

Acredita-se que a aprendizagem da escrita dentro de sala de aula, ocorre pelo fato das crianças somente copiarem do quadro e não serem incentivadas a uma produção livre. Justifica-se o estudo por ser a escrita algo mais que a leitura, pois é uma forma de comunicação expressiva aprendida por instrução formal. Os conhecimentos básicos para a prática pedagógica no que se refere ao processo de alfabetização apresentado pelos professores são escassos, principalmente nas etapas do desenvolvimento da escrita.

Garcia (1998) fala da diferença dos casos de dificuldades de aprendizagem da escrita, em que apenas nos centramos nos modelos deficitários. A escrita deve ser uma necessidade criada pelo professor em sala de aula, pois este, por meio das estratégias utilizadas e suas percepções sobre o desempenho dos alunos, permite que os educandos desenvolvam a linguagem escrita. Pela escola que está diretamente ligado com a aprendizagem da escrita, onde o aluno começa a desenvolver a sua prática da escrita por meio de atividades que envolvam o desenvolvimento da coordenação motora fina; e nos relacionamentos familiares.

Destacar a validade de pensar no conhecimento já adquirido pelas crianças independentemente da classe social a que pertenciam. Isso permitiu aos educadores olhar para o objeto de conhecimento e para o processo de aprendizagem por um novo ângulo. Era preciso dialogar com o aluno sobre o que ele sabia (WEISZ, 2012, p. 36).

Segundo Ferreiro e Teberosky (2008) as crianças manifestam, desde cedo, a vontade de explorar e conhecer a língua escrita partindo de conhecimentos já adquiridos, refletindo e levantando hipóteses sobre a escrita. Quando as crianças entram na escola já tem uma noção de escrita, elas começam a se inserir numa sociedade letrada e deve ser desenvolvido de modo que auxilie o crescimento e o desenvolvimento do aluno como sujeito de seu discurso.

Aprender a escrever é muito importante, pois é por meio da escrita que o aluno consegue atingir conhecimentos sobre as letras do alfabeto, a associação entre grafema-fonema, habilidades sintáticas e fonológicas, e ainda particularidades do sistema ortográfico. Segundo Soares (1985) é o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre o grupo sociais e que gera discriminação e fracasso. Assim, a deficiência nessa habilidade é um dos principais empecilhos para a realização do processo de ensino-aprendizagem, causando o fracasso escolar.

2. Referencial Teórico

A escrita surgiu a milhares de anos, e antes de Cristo já haviam alguns estudos sobre o aparecimento da escrita. No início, a escrita servia à burocracia do Estado, à Igreja e ao Comércio, não tendo uma função social maior, ou seja, era restrito somente as elites daquela época.

O fato biológico-histórico é que o homo sapiens é uma espécie que usa o discurso oral, manufaturado pela boca, para se comunicar. Esta é a sua definição. Ele não é, por definição, um escritor ou leitor. Seu uso da fala, repito, foi adquirido por processos de seleção natural operando ao longo de um milhão de anos. O habito de usar os símbolos escritos para representar essa fala é apenas um dispositivo útil que tem existido há pouco tempo para poder ter sido inscrito em nossos genes, possa isso ocorrer ou não meio milhão de anos à frente. Segue-se que qualquer linguagem pode ser transposta para qualquer sistema de símbolos escritos que o usuário da linguagem possa escolher sem que isso afete a estrutura básica da linguagem. Em suma, o homem que lê, em contraste com o homem que fala, não é biologicamente determinado. Ele traz a aparência de um acidente histórico recente (HAVELOCK, 1976 apud MARCUSCHI e DIONISIO, 2007, p. 43)

A escrita só se tornou o que ela é hoje no Ocidente por volta de 600 anos antes de Cristo. Atualmente a escrita tem um papel muito diferente do que tinha em outros tempos e culturas. Seria um exagero atribuir ao desenvolvimento tecnológico à existência da escrita, pois o ser humano não inventou tantos instrumentos, mas evoluiu durante anos até atingir o tamanho de cérebro para desenvolver instrumentos e a

linguagem oral e a escrita. A cultura escrita é de natureza artificial, um produto da cultura, imposta ao homem, que o torna falante e ouvinte conforme Havelock (1976).

Segundo Marcuschi e Dionisio (2007) a escrita deve ser uma necessidade criada pelo professor na sala de aula, pela escola na vida sociopolítica da criança e pela família nos relacionamentos diários. Na escola, na família ou no trabalho, a escrita tem papéis diferenciados, e a própria colaboração se manifesta de forma diferenciada. É na escola que as crianças têm o primeiro contato com a linguagem escrita, que deve ser ensinada como algo do cotidiano dos alunos.

Todo indivíduo quando chega à escola ou quando passa a se dedicar ao aprendizado da escrita já domina a língua na sua forma oral. Segundo Ferreiro e Teberosky (2008) as crianças manifestam, desde cedo, vontade de explorar e conhecer a linguagem escrita partindo de conhecimentos já adquiridos, refletindo e levantando hipóteses sobre a escrita. Na relação com a escrita, a criança elabora e testa hipóteses de natureza cognitiva a respeito de como se escrevem as palavras. As crianças quando chegam na escola já tem uma noção do que é a linguagem escrita e os professores devem explorar esse conhecimento, através de atividades que desenvolvem a coordenação motora fina e as habilidades perceptivo-viso-motoras.

As culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não está fechado – muito pelo contrário, é mais que qualquer outro, extremamente permeável – tão pouco está distante do reflexo social global. A interpretação das culturas infantis, em síntese, não pode realizar-se no vazio social, e necessita sustentar-se na análise das condições sociais nas quais as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem. (PINTO e SARMENTO apud MACIEL, 2009, p. 20)

São os professores que devem incentivar a escrita de forma que seja legível e de fácil compreensão, mas para isso eles precisam de aperfeiçoar, ou seja, terem uma capacitação para que consigam dar estratégias satisfatórias para o desenvolvimento da escrita. Segundo Vigotsky (1988) os educadores deveriam organizar todas as ações e todo o complexo de um tipo de linguagem escrita para outro, por meio de exercícios para o desenvolvimento da habilidade da escrita, como o jogo e o desenho.

Segundo Vygotsky (1988) só poderemos estar certos de que desenvolver a escrita não é somente uma habilidade que se executa com as mãos e os dedos, mas como uma forma de linguagem realmente nova e complexa. A escrita é tanto uma forma de domínio da realidade no sentido de apreensão do saber e da cultura, mas também uma

forma de dominação social. Com a escrita, teria surgido nova forma de pensar e produzir conhecimento. Ong (1998) cita que sem a escrita, o espírito letrado nem poderia pensar como pensa, não só quando se engaja na escrita, mas também seus pensamentos na oralidade.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, prática a leitura e a escrita, respondendo adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES,1998, p. 92)

O letramento pode desenvolver-se no cotidiano de forma espontânea, mas, em geral, ele se caracteriza como a apropriação do sistema de escrita que se desenvolve em contextos formais, isto é, no processo de escolarização, por meio de produção de textos que devem ser incentivados pelo professor para que as crianças sintam à vontade para a realização deste trabalho. A cultura escrita deve ser entendida como letramento, já a cultura oral (fala) como oralidade. A relação entre a fala e a escrita se dá pelo fato de ambas refletirem o dinamismo da língua em funcionamento e ainda acompanham a organização da sociedade como um todo, pois mantém relações com as formações e com as representações sociais. Tanto a escrita quanto a fala são partes fundamentais da língua padrão que é um conjunto de formas gramaticais usadas pelos falantes. A fala se realiza pelo meio fônico, já a escrita pelo meio gráfico.

A relação entre cultura oral e cultura escrita tem caráter de uma tensão mútua e criativa, contendo uma dimensão histórica – afinal, as sociedades com cultura escrita surgiram a partir de grupos sociais com cultura oral – e outra contemporânea – à medida que buscamos um entendimento mais profundo do que a cultura escrita pode significar para nós, pois é superposta a uma oralidade em que nascemos e que governa, dessa forma, as atividades normais da vida cotidiana. Essa tensão pode, por vezes, manifestar-se como tendência em favor de uma oralidade resgatada e, em outras ocasiões e contrariamente, como tendência em favor de sua total substituição por uma sofisticada cultura escrita. (HAVELOCK, 1976 apud MARCUSCHI e DIONISIO, 2007, p. 49)

Segundo Soares (1998) para a apropriação da língua escrita é preciso aprender a ler e escrever não somente como significado para adquirir uma nova tecnologia, mas para codificar e decodificar a língua escrita e sua propriedade. A criança pode aprender e participar dessas práticas sem ter o domínio da língua escrita, a partir de atividades com jogos e desenhos, que é onde as crianças podem ter o primeiro contato com a

língua escrita. A atividade de desenhar permite que as crianças pequenas interpretem a escrita (hipótese de nome) como uma tentativa de garantir o significado

O código escrito reduz a função da escrita para um simples instrumento de transposição da oralidade. A escrita era apenas um instrumento que tinha uma única função técnica: a transposição da língua oral para a língua escrita.

O conceito de código adapta-se ao Alfabeto Fonético Internacional [...] elaborado pelos linguistas para fazer a “notação” das línguas que descrevem, cujo princípio fundamental consiste em que cada unidade sonora da língua corresponde um sinal gráfico. Mas, naturalmente, existe uma grande diferença entre fazer a “notação” de uma língua, nesse sentido técnico, e escrever uma língua, entendendo por isso que as escritas existem como fenômenos dentro de uma sociedade, imersos na história, não estando fundados apenas em considerações técnicas desse tipo. Sabemos que a escrita influi na evolução das línguas. E conhecemos também, tanto no caso das sociedades como no dos indivíduos, que o saber que temos sobre essa língua não é o mesmo antes e depois da escrita. Uma simples “notação” não produziria esses efeitos. (BLANCHE-BENVENTISTE apud MARCUSCHI e DIONISIO, 2007, p. 101)

A escrita está inserida num contexto histórico, social e cultural, mas não pode ser usada como uma forma de discriminação, mas como uma forma de construção de status social e como explicação para problemas. Ela permite a introdução de novas formas de organização social e nos negócios e na administração da vida pública. Incentivou e acelerou a investigação pura sem nenhuma finalidade prática. A escrita situa o passado no passado e o presente no presente. Conforme afirma Marcuschi (2012) a língua escrita é a mesma coisa que a linguagem oral, ou seja, ambos exercem várias funções e possuem inúmeras formas de se articularem e para usos sociais.

Ferreiro e Teberosky (1999) citam os seguintes níveis de escrita: Nível 1: pré-silábico, Nível 2: Intermediário Silábico, Nível 3: Hipótese Silábica, Nível 4: Hipótese Silábico-Alfabética ou Intermediário II e Nível 5: Hipótese alfabética.

Com relação a alguns métodos que são utilizados para a aprendizagem da escrita. Barbosa (1991) o método sintético é o mais antigo, tem mais de 2 mil anos, progredia lentamente. Em geral, o aprendiz demorava até quatro anos para começar a ler um texto e somente depois desse período iniciava o aprendizado da escrita. Roazzi e Ferraz (1996) o método fônico parte do pressuposto de que cada letra dispõe de uma certa autonomia fonética e se baseia nas instituições fonéticas e em sua capacidade de imitação de sons específicos. Rizzo (1986) o método de palavração, as palavras são

apresentadas de forma agrupada, e geralmente seu ensino parte da memorização de sua configuração gráfica. O método de alfabetização parte da letra isolada para depois juntá-la a outras, através das sílabas. O método silábico tem como característica a somatória que inicia pelas vogais e pelos encontros vocálicos, depois, ocorre a apresentação do som e da grafia das consoantes, parte-se da junção das consoantes com as vogais e por fim os encontros consonantais e as sílabas complexas são apresentados. O método de sentencição, o aluno aprende uma sentença, ou seja, uma frase de acordo com o interesse de todos os alunos, que em seguida é dividida em palavras que novamente serão divididas em sílabas que uma vez aprendidas serão usadas na leitura de novas palavras. O método de conto ou texto, o professor apresenta ao aluno um texto que é lido em voz alta após a leitura é destacada uma frase, uma palavra, até chegar às sílabas ou às letras para formar novas palavras.

Ao longo de processo de apropriação da língua escrita, a criança vai tendo uma consciência fonológica, ou seja, ela começa a perceber que o som tem relação a escrita. E segundo Maciel (2009) o desenvolvimento da consciência fonológica parece estar relacionado ao próprio desenvolvimento simbólico da criança. Sugere-se uma abordagem mais prática para as crianças pequenas no decorrer do processo de alfabetização.

3. Metodologia (ou Procedimentos Metodológicos)

De acordo com Marconi e Lakatos (1991) a pesquisa é de abordagem qualitativa, pois não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14)

Quando ao nível é descritiva, visa observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os dados sem interferência, sem manipulação do pesquisador. Quanto à finalidade é aplicada, pois tem como objetivo investigar, comprovar ou rejeitar hipóteses sugeridas pelos modelos teóricos. Quanto aos procedimentos é campo, pois

baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade, diretamente no local dos fenômenos.

A pesquisa tem como população uma escola de Ensino Fundamental do município de Divinésia - MG, na qual atuam doze professores, em dois turnos (manhã e tarde). Destes, sete dão aula no 1º ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental. Para compor a amostra foram escolhidas duas professoras que atuam no 1º Ano do Ensino Fundamental I, pois a escola a ser pesquisada tem duas turmas de 1º ano. O fator de inclusão são os professores que atuam no 1º ano do Ensino Fundamental I e o fator de exclusão são os demais professores.

Para a realização desta pesquisa foi utilizado como instrumento o questionário. Segundo Marconi e Lakatos (1991) é constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Deve ser enviado ao informante e este deve devolvê-lo do mesmo modo.

Primeiramente foi feito um contato com a escola para solicitar autorização para a realização da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) pela direção. A coleta dos dados foi feita por meio de um questionário, a ser respondido pelos professores e com um prazo para a devolutiva de três dias. O mesmo foi entregue em um envelope juntamente com o TCLE. Após a coleta de dados, os mesmos foram compilados, analisados e transformados em gráficos, tabelas ou quadro para melhor facilitar a discussão dos resultados obtidos.

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. (ANDRÉ e LÜDKE, 1986, p.45)

Este artigo será submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Fundação Presidente Antônio Carlos, através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução CNS nº 196/96).

3. Resultados e Discussão

Essa pesquisa foi realizada com duas professoras de uma escola municipal do município de Divinésia, MG. Feito um questionário com 9 questões abertas e fechadas, que foram entregues junto com um termo de consentimento livre esclarecido (TCLE),

dando um prazo de três dias para elas me devolutiva do questionário respondido e termo assinado.

Os sujeitos desta pesquisa foram duas professoras que atuam no 1º Ano do Ensino Fundamental I, a primeira tem 9 anos que leciona no Ensino Fundamental I e a segunda tem 10 anos. O problema a ser analisado desta pesquisa refere-se a aprendizagem da escrita no 1º Ano do Ensino Fundamental I, devido ao fato de que as crianças no início do processo de aprendizagem da escrita, tenham pouca familiaridade com a escrita, pois elas somente desenhavam e não eram incentivadas a escrever.

No questionário entregue as professoras, elas teriam que responder nove questões relacionadas a aprendizagem da escrita. Quando perguntadas sobre qual método elas utilizam para começar a ensinar a escrita para seus alunos, P1 disse “*não uso apenas um deles. Faço uma junção do que há de melhor em cada um e aplico*”. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985) falam que ao tentar desvendar o processo de aprendizado infantil, mostrando que a alfabetização da criança não depende tanto do método de ensino e de manuais. Isso mostra que não existe um método específico, mas sim uma junção das teorias principais para serem usadas em sala de aula com as crianças.

P2 afirma “*método silábico em consonância com as teorias dos outros métodos*”, assim como Frade (2004) mais do que pensar em métodos, é preciso compreender os processos de aprendizagem que a criança vivencia ao tentar reconstruir a representação do sistema alfabético.

Quando perguntado se existe uma relação entre a fala e a escrita, ambas professoras responderam que sim, sendo que P2 afirma que “*é por meio da fala que se compreende e aprende a escrita*”. Esta afirmação pode ser coadunada por Marcuschi (2007) em que este afirma que devemos ensinar primeiro na forma oral e só assim começar a ensinar a desenvolver a escrita, mas tanto a língua escrita quanto a língua oral é estudada no seu uso mais comum no dia a dia (cotidiano escolar), por meio das práticas sociais.

Já P1 “*uma complementa a outra. As duas são agentes de aprendizagem*”, quando se fala que são agentes de aprendizagem, a fala e a escrita precisam estar em comum acordo, ou seja, devem ser ensinadas juntas sem distinção. Marcuschi (2007) afirma que elas se distinguem apenas pelo meio utilizado, a escrita pela grafia e a fala pelo som. E não se deve confundir a ortografia com a fonologia da língua.

Quando perguntadas sobre qual é a relação entre o som das palavras/letras com a escrita dessas palavras, P1 afirma que *“a criança aprende a escrever tendo como base sua oralidade. O que ele ouve é capaz de reproduzir”*, ainda segundo Maciel (2009) fala que a consciência fonológica das crianças pequenas sugere a necessidade de uma abordagem sistemática do sistema fonológico ao longo do processo de alfabetização.

P2 afirma que *“o som das palavras faz com que a criança compreenda e desenvolva a escrita por meio da escuta e da fala das pessoas que estão ao seu redor, como professores e familiares”*. Como afirma Maciel (2009) o desenvolvimento da consciência fonológica parece estar relacionado ao próprio desenvolvimento simbólico da criança, no sentido de ela vir a atentar para o aspecto sonoro das palavras, em detrimento de seu aspecto semântico.

O termo consciência fonológica se refere a um conjunto de habilidades relacionadas à capacidade de a criança refletir e analisar a língua oral. Capacidades que serão desenvolvidas ao longo do processo de aquisição do sistema de escrita.

Sobre a relação entre o desenho e a escrita, ambas responderam que existe sim essa relação e apontam tais ligações. Na resposta de P1 *“o desenho é um estágio preliminar para desenvolver a escrita. A criança faz seus registros sociais e pessoais através do desenho, antes mesmo de aprender a escrever”*. P2 coloca que *“é pelo desenho que a criança começa a desenvolver a escrita onde ela tem o primeiro contato com as palavras, ou seja, o desenho e a escrita estão interligados pelo desenvolvimento da criança”*

As respostas de ambas as professoras ficaram muito parecidas e como afirmado em Vygotsky (2000) é por meio do desenho que a criança irá se expressar, em que a escrita pode estar implícita sem a necessidade de seu uso e o educador tem como dever organizar ações de transição entre a linguagem escrita e o desenho.

E ainda explicado por Ferreiro (2003) afirmando que a escrita por si mesma não é suficiente para garantir o significado e por isso as crianças costumam desenhar antes de escrever. A imagem, por outro lado, é a que permite interpretar a escrita, como uma tentativa.

Quando foram questionadas se elas conseguem perceber alguma dificuldade na aprendizagem da escrita ambas responderam que sim.

O letramento é o estado ou a condição que cada indivíduo ou grupos de indivíduos passam a ter a partir da aquisição da língua escrita. E sobre como o letramento está interligado com o aprendizado da escrita, P1 afirma que *“estimula a escrita através da*

construção de palavras usando jogos, cartazes em letras grandes, usar tinta para escrever e não lápis”.

De acordo com P2 em sua prática “ *aprender a escrita por meio de jogos, utilizar cartazes em letras grandes, alfabeto móvel para a construção de palavras”*. Ambas responderam o mesmo, e segundo Soares (1998) a tecnologia da escrita é aprendida não como em concepções anteriores, com textos construídos artificialmente para a aquisição das técnicas de leitura e escrita, e sim por meio de atividades de letramento, ou seja, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita.

Na questão sobre o nível de aprendizagem da escrita que os alunos devem se encontrar no final do ano letivo, ambas responderam o mesmo nível “*hipótese alfabética*”, mas na verdade esse nível é a construção do código da escrita e ocorre nas crianças a partir dos nove, dez anos de idade. Ferreiro e Teberosky (1999) colocam essa criança de primeiro ano no nível silábico, quando a criança começa a ter consciência de que existe alguma relação entre pronuncia e a escrita. É nesse nível que uma criança de seis anos deve se encontrar no final do ano letivo.

4.1. Universo da Pesquisa

O município de Divinésia tem 3.455 habitantes, tem três escolas duas municipais (creche e o ensino fundamental I) e uma estadual (ensino fundamental II e ensino médio). A escola em que será feita a pesquisa é municipal funciona nos dois turnos de manhã e de tarde, e está localizada no parque de exposições da cidade, atende 459 crianças ao todo em todo o ensino fundamental.

5. Considerações Finais

Nessa pesquisa pode-se comprovar que para se ensinar a escrita é preciso que a professora tenha o respaldo da língua falada (oral), assim como o auxílio do desenho que é a primeira forma de se expressar antes da chegada da escrita.

Com relação aos métodos utilizados para a aprendizagem da escrita, se percebe que as professoras usam as teorias principais de cada e colocam em prática o que for melhor para os alunos no contexto da sala de aula.

A escrita deve ser ensinada junto com a fala, pois uma compreende a outra em relação a aprendizagem. O ensino da escrita deve ser um dos importantes processos,

junto com o ensino da alfabetização e do letramento, para que as crianças sejam no futuro, capazes de entender e compreender o mundo a sua volta.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Gleide Viviani Maciel; KOZLOWSKI, Lorena de Cássia & MARQUES, Jair Mendes. Alterações da linguagem escrita de escolares em fase de alfabetização na visão dos professores. Revista CEFAC. Vol.17, núm. 2, p. 542-551. Março-abril, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 5^o ed. São Paulo: Cortes e Editores Associados, 2003.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

_____. **Psicogênese da Língua Escrita**. Trad. Diana Myrian Lichtenstein et all. Ed. Artmed, Porto Alegre, 1999. Reimpressão 2008.

FRADE, I. C. A. da S. Escolha de livros de alfabetização: dialogando com permanências históricas e com modelos atuais de inovação. História da Educação, Pelotas, v. 7, n. 14, set. 2003.

GARCÍA, Jesús-Nicasio. Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; BAPTISTA, Mônica Correia e MONTEIRO, Sara Mourão. **A criação de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade**. Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009

MARCUSCHI, Luiz Antônio e DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1. Ed., 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

ONG, W. J. Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998. [original inglês: 1982]

PEREIRA, Luísa Álvares & GRAÇA, Luciana. O trabalho com a escrita na escola: modos de desenvolvimento e propostas de didatização nos 1º ciclos de ensino. Revista Científica Exedra. Português: investigação e ensino. P.272-283. Dezembro 2012.

PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (Coord.). As crianças: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

RIZZO, Gilda. Os diversos métodos do ensino da leitura e da escrita: estudo comparativo. Papeleria América Latina, 1986, 4ª edição.

ROAZZI, A.; FERRAZ LEAL, T. e CARVALHO, R. A Questão do Método no Ensino da Leitura e da Escrita. Coleção Curto Circuito. Teresina: APECH / UFPI, 1996.

SOARES, Magda. O que é letramento e alfabetização. In _____. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SUEHIRO, Adriana Cristina Boulhoça & HOHLENWERGER, Vitória Lage. Escrita em grupos escolares. Revista Avaliação psicológica. P.391-398. 2014

VIGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988.

VIGOTSKI, L.S. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WEISZ, Telma. Os analfabetos funcionais são fruto de uma escola que produz não leitores. Revista Nova Escola. Fala Mestre! Abril 2012.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
(Atendimento à Resolução 466 de 12/12/2012-CNS-MS)

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa que abordará as **“Dificuldades de aprendizagem da escrita no 1º ano do Ensino Fundamental no município de Divinésia-MG”**, a ser realizada pelo curso de Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos- FUPAC/Ubá.

- Neste estudo pretendemos analisar quais são as dificuldades de aprendizagem da escrita no 1º ano do Ensino Fundamental I.
- Esse estudo se justifica por ser a escrita algo mais que a leitura, pois é uma forma de comunicação expressiva aprendida por instrução formal e que os conhecimentos básicos para a prática pedagógica no que se refere ao processo de alfabetização apresentados pelos professores são escassos, principalmente nas etapas do desenvolvimento da escrita.
- Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: a coleta será feita através de questionários estruturado, composto por 9 questões. Dentro de um envelope será colocado o questionário e duas vias do termo de consentimento: uma via ficará com o professor participante e a outra guardada com os pesquisadores por um período de 5 anos. O envelope será lacrado e entregue para cada professor. Os docentes terão um prazo de 3 dias para responder o questionário e devolvê-lo à pesquisadora, após agendada data para recolher o instrumento da pesquisa.
- Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.
- Você será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, estando o telefone (32) 98425-8202; e e-mail bethania.silveirapires@yahoo.com.br; da pesquisadora Bethânia Silveira, à sua disposição para comunicar qualquer dúvida ou desistência de participação;
- Nesta premissa, todos os participantes são absolutamente livres para, a qualquer momento, negar o seu consentimento ou abandonar o programa se assim o desejar, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização;
- A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora;
- A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo;
- Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo;
- Durante a realização do teste não há possibilidade de ocorrerem problemas, riscos ou desconforto devido à intervenção do pesquisador;
- Você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa, caso assim o julgue;

- Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada;
- Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão;
- Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável, por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos;
- Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____,
portadora do documento de identidade _____, após a
leitura do presente Termo, e estando de posse de minha plenitude mental e legal, ou da
tutela legalmente estabelecida sobre o participante da pesquisa, declaro expressamente
que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de
participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

Assinatura da Participante

Bethânia Adria da Silveira Pires
Acadêmica pesquisadora
bethania.silveirapires@yahoo.com.br

Isac da Silva Haber
Orientador
isac.haber@hotmail.com



UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – UNIPAC
FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – FUPAC/UBÁ
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Questionário

1. Há quanto tempo você leciona no Ensino Fundamental I?
2. Qual método você utiliza para começar a ensinar a escrita para as crianças?
 Método Sintético Método Analítico Método Alfabético Método Fônico Método Global
3. Existe alguma relação entre a fala e a escrita? Qual? Sim Não Às vezes

4. Qual a relação que a entre o som das palavras/ letras com a escritas dessas palavras? _____

5. Há uma relação entre o desenho e a escrita. Qual? _____

6. Você consegue perceber se há algum aluno com dificuldade na aprendizagem da escrita? Sim Às vezes Não
7. Como você (professora) trabalha no dia a dia da sala de aula para minimizar essa dificuldade na aprendizagem da escrita?

8. O letramento está interligado com o aprendizado da escrita? Sim Às vezes Não

9. Em que nível de aprendizagem da escrita esses alunos devem se encontrar no final do ano letivo?

- () Pré-silábico () Intermediário silábico () Hipótese silábica
 () Hipótese Silábico-alfabética () Hipótese alfabética

Questões	P1	P2
Há quanto tempo você leciona no Ensino Fundamental I?	9 anos	10 anos
Qual método você utiliza para começar a ensinar a escrita para as crianças?	Não uso apenas um deles. Faço uma junção do que há de melhor em cada um aplico.	Método Silábico em consonância com as teorias dos outros métodos.
Existe alguma relação entre a fala e a escrita? Qual?	Sim. Uma complementa a outra. As duas são agentes da aprendizagem.	Sim. É por meio da fala que a compreende e aprende a escrita.
Qual a relação que a entre o som das palavras/letras com a escrita dessas palavras?	A criança aprende a escrever tendo como base sua oralidade. O que ele ouve é capaz de reproduzir.	O som das palavras faz com que a criança compreenda e desenvolva a escrita por meio da escuta e da fala das pessoas que estão ao seu redor professores e familiares.
Há uma relação entre o desenho e a escrita. Qual?	Sim. O desenho é um estágio preliminar para desenvolver a escrita. A criança faz seus registros sociais e pessoais através do desenho, antes mesmo de aprender a escrever.	Sim. É pelo desenho que a criança começa a desenvolver a escrita e é onde ela tem o primeiro contato com as palavras, ou seja, o desenho e a escrita estão interligados pelo desenvolvimento da aprendizagem da criança.
Você consegue perceber se há algum aluno com dificuldade na aprendizagem da escrita?	Sim	Sim.
O letramento está interligado com o aprendizado da escrita?	Estimular a escrita através da construção de palavras usando jogos, cartazes em letras grandes, usar tinta para escrever e não lápis.	Aprender a escrita por meio de jogos, utilizar cartazes em letras grandes, alfabeto móvel para a construção de palavras.
Em que nível de aprendizagem da escrita esses alunos devem se encontrar no final do ano letivo?	Hipótese alfabética	Hipótese alfabética

